

Os males de uma ilusão

Obra desmonta cientificamente as provas mais clássicas da existência de Deus e defende que a religião pode estar na origem de diversos conflitos vivenciados em nossa época, como no caso dos fundamentalismos.

por **Julio Daio Borges** Digestivo Cultural



Deus, um delírio
Richard Dawkins
Companhia das Letras, 2007,
528 p.

Eric Hobsbawm, o eminente historiador, chamou o século XX de “breve”, estabelecendo seu início em algum momento durante a Primeira Guerra Mundial e o seu “fim” em algum ponto entre a queda do Muro de Berlim, a desmontagem da União Soviética e o que poderíamos chamar – em uma apropriação de sua linguagem – de Era da Globalização.

Depois de 2001, no entanto, todo mundo sabe que Hobsbawm estava equivocado: o século XXI não começou nos anos 1980-90; o século XXI começou com os atentados do 11 de Setembro.

Quando as utopias e os idealismos pareciam mortos e enterrados, principalmente depois de 1989, ressurgiu o irracionalismo e novamente a “pulsão de morte”, que Freud considerava, aliás, princípio irreduzível do ser humano.

Richard Dawkins, com outros intelectuais e cientistas contemporâneos, está preocupado com os atentados que continuam (em Madri, em Londres...) e enxerga uma causa principal: o fundamentalismo religioso.

Para combater o fundamentalismo não apenas muçulmano mas também cristão – o qual se alastra perigosamente na

República de George W. Bush –, Dawkins escreveu *Deus, um delírio*. O livro tem ambições filosóficas, mas sua argumentação é 100% científica. Richard Dawkins é biólogo evolucionista, discípulo apaixonado de Charles Darwin e autor do popular *O gene egoísta* (1976). Já era bem conhecido por seu ateísmo militante, mas, conforme atesta o psicólogo canadense Steven Pinker, nunca havia reunido seus “pensamentos sobre Deus” em um único volume.

As referências quase automáticas são *O anticristo*, do século XIX e do filósofo Friedrich Nietzsche, e outras do século XX, como *Em que acredito*, do também filósofo Bertrand Russell. Mas *Deus, um delírio*, como resultado, é muito mais uma empreitada da razão do que uma opinião pessoal de seu autor.

Quem espera a verborragia e o uso quase artístico da linguagem – no estilo do autor de *Assim falava Zaratustra* – vai se frustrar, porque Dawkins sacrifica sempre a beleza em nome da verdade e prefere construir o raciocínio com dados da realidade objetiva do que produzir mais uma narrativa de valor literário.

E se não opta por ser necessariamente elegante na montagem das frases, concei-

tualmente (ou politicamente) Dawkins não faz nenhuma concessão e até insiste muito que não se deve ser obrigatoriamente “respeitoso” para com a religião (nenhuma religião).

Deus, um delírio principia demolindo as provas consideradas clássicas da existência de Deus. Desde as cinco teses de (São) Tomás de Aquino até a aposta de Pascal, não sobrevivem nem as Sagradas Escrituras, nem o argumento do “*design* inteligente” (“um mundo tão perfeito deve ter um criador...”), nem as declarações religiosas de outros cientistas contemporâneos.

Richard Dawkins abandona, então, o velho humanismo e adentra em seu território, a ciência. Mostra, por exemplo, porque a simples hipótese da existência de Deus é tão estatisticamente improvável quanto a de um furacão, ao varrer os destroços de um avião acidentado e devolver, montado, um Boeing.

Atribui, como Darwin, a sofisticação do animal humano às escolhas totalmente impessoais da seleção natural (às quais um Deus, se existisse, teria de se submeter – como queria Einstein, quando afirmava que esse Deus hipotético “não jogava dados”). E, assim também, a quase improbabilidade de um sistema solar como o nosso (e de um planeta como o nosso) mostra o quão mais improvável é a existência de um Deus, “criador” de toda essa improbabilidade acumulada.

Antecipando-se ao final hipotético da religião, e à suposta derrocada moral do mundo, Richard Dawkins dedica-se ainda a mostrar que uma humanidade sem religião não necessariamente seria má. Acredita, como outros cientistas, que a inclinação do *Homo sapiens* para fazer o bem é parte integrante de sua “programação” – independentemente de se ter (ou não)

uma religião. Em um exagero de reportagem, Dawkins até mostra que a religião pode ser, ao contrário, a raiz de conflitos sem qualquer outra razão de ser.

Embora seja freqüentemente acusado de ter uma obsessão pelo Todo-poderoso, *Deus, um delírio* luta por, pelo menos, uma causa cívica: Richard Dawkins pensa que a atual guerra contra o terrorismo é apenas um eufemismo para não assumir o real inimigo, a religião.

No livro, Dawkins convida a todos para uma compreensão plena da existência, desfrutando dos “milagres” que a natureza já nos oferece e da infinita beleza de nossa ciência. Assumir altivamente a própria finitude e os próprios limites, aliás, pode ser um sinal de grandeza muito maior do que se esconder nos “mistérios” da religião. *Deus, um delírio* tem seu valor, nem que seja como provocação.

Julio Daio Borges
Editor do Digestivo Cultural
E-mail: juliодаioborges@gmail.com

“Dawkins convida a todos para uma compreensão plena da existência, desfrutando dos milagres que a natureza já nos oferece e da infinita beleza de nossa ciência. Assumir altivamente a própria finitude e limites pode ser sinal de grandeza maior do que se esconder nos mistérios da religião.”